



Os Navegantes e o Sonho

Omar Dias

Foi depois de uma viagem à Índia, em 1989, que o professor Victor Leonardi, do Departamento de História da Universidade de Brasília e professor visitante da Universidade do Amazonas/Museu Amazônico, teve a idéia de escrever "Os Navegantes e o Sonho", livro que a editora Paralelo 15, de Brasília, deverá lançar ainda este ano.

Distante do orientalismo fabuloso e mítico de certas correntes do pensamento europeu, Leonardi reconstituiu em seu livro, de 150 páginas, o longo passado das navegações portuguesas dos séculos XVI ao XVIII, destacando a literatura indo-portuguesa e os vínculos sutis que uniram o Brasil ao Oriente desde os primeiros anos da nossa história.

Antes dessa longa viagem à Índia, onde iniciou a sua pesquisa e visitou Nova Delhi, Agra, Jaipur, Benares e pequenos povoados do Himalaia, o professor Victor Leonardi já havia feito outras três viagens de estudo ao Oriente: à Turquia (1969), à China (1971) e ao Oriente Médio (1972). A pesquisa foi completada com vários estudos feitos em arquivos portugueses e brasileiros.

O livro: uma notícia

Conta o professor Leonardi que ao retornar ao Brasil, em 89, conversou informalmente, no Departamento de Teoria Literária da Unicamp, com os professores Alcir Pécora e Francisco Foot Hardman, revelando entusiasmo a respeito da literatura indo-portuguesa. "Comentei a obra de alguns poetas, romancistas e ensaístas de Goa (Adeodato Barreto, entre outros) que eu acabara de ler. Fui então convidado por Alcir e Foot para escrever um artigo para uma das revistas da Unicamp. Comecei a escrevê-lo em 1990, mas o tema era tão amplo e tão pouco conhecido no Brasil - a literatura indo-portuguesa - que o artigo acabou se tornando um pequeno livro".

"Os Navegantes e o Sonho" não se propõe como obra erudita, nem esgota nenhum dos muitos assuntos abordados em suas páginas. "Trata-se", informa o professor, "de uma pequena notícia sobre um tema - a presença do Oriente na história do Brasil - que tão pouca atenção mereceu até agora da parte dos nossos ensaístas. O simples fato de divulgar um pouco a existência da literatura indo-portuguesa já me deixa muito satisfeito".

Na rota do Oriente

O livro destaca as viagens dos navegantes portugueses rumo à Índia, cuja rota previa invariavelmente escalas no Brasil - Salvador ou Rio de Janeiro. As correntes marítimas e o regime dos ventos, no período anterior à navegação a vapor, tornavam mais fácil e mais rápido fazer um longo desvio, com escalas em portos brasileiros, do que viajar a curtas distâncias do litoral africano.

Com isso, a sociedade luso-brasileira em formação esteve desde o início muito vinculada à Índia. Durante o longo período colonial, toda embarcação que saísse de Lisboa rumo a Goa (Índia) e Macau (China) fazia escala na cidade de Salvador. Na volta do Oriente, o mesmo percurso era feito, trazendo para a Bahia e Rio de Janeiro centenas de portugueses vindos da Ásia. "Gente que, muitas vezes, tinha passado 20 ou 30 anos no Oriente", diz o professor.

Como as escalas no Brasil eram demoradas - não havia serviço de estiva e os reparos nas embarcações eram freqüentes -, esses navegantes permaneciam de 30 a 60 dias no Brasil antes de seguirem viagem, tempo suficiente para longos contatos com a população local e múltiplos intercâmbios, de mercadorias e de idéias.

Esses contatos foram freqüentes durante mais de 300 anos. E foi assim que o consumo de certos produtos orientais, como a seda e a porcelana, se tornaram comuns entre as elites do Brasil Colônia. Foi assim também que várias espécies da flora asiática chegaram ao Brasil (a manga e o tamarindo vieram da Índia; a fruta-pão veio do Ceilão) e que certos hábitos alimentares orientais se difundiram entre nós, como o sarapatel, que é um prato típico de Goa.

Na arquitetura, lembra o prof. Leonardi que a varanda (em sânscrito, "baranda"), tão comum nas casas brasileiras, não tem origem portuguesa, mas indiana. Foi adotada por portugueses que viviam nos trópicos - Índia e Brasil. Nas igrejas coloniais do recôncavo baiano eram comuns as "chinesices" (pinturas com motivos chineses), pois muitos pintores dos séculos XVI e XVII eram jesuítas que haviam aprendido a pintar em Macau, antes de serem transferidos para a Bahia.

Além desses objetos materiais e hábitos de vida, as viagens freqüentes para o Oriente estimulavam a imaginação dos habitantes de Salvador, Rio e Recife com muitas histórias nascidas no Índico, no Mar Arábico e no Mar da China. Eram comuns os folhetins relatando naufrágios; grandes escritores portugueses moraram na Índia e na China: Fernão Mendes Pinto, Camões e Bocage são os mais famosos, mas não os únicos; o brasileiro Francisco José Lacerda e Almeida foi governador de Moçambique no

final do século XVIII (antes de ser Capitania Geral, Moçambique foi dependente do governo da Índia e sempre manteve muitos vínculos com Goa).

(Segue...)

Reprodução



Vasco da Gama (c. 1468-1524), o mais célebre dos navegantes portugueses, foi o descobridor do caminho marítimo para a Índia em 1498.